

No enterro de Andreazza, a velha e a Nova República. Juntas e bem representadas.

A velha e a Nova República se confundiram, ontem, no Rio, durante o velório e enterro do ex-ministro Mário Andreazza, no cemitério São João Batista. Coberto com a bandeira nacional, o caixão de Andreazza — que morreu de câncer terça-feira — foi carregado por cinco ministros: Antônio Carlos Magalhães, Aureliano Chaves, Hugo Napoleão, Reinaldo Tavares e João Alves (os dois últimos representando o presidente Sarney).

Mais de mil pessoas ocuparam o cemitério, ao lado de autoridades civis e militares do atual governo, empresários, políticos e colunáveis. Visivelmente emocionado, o ex-presidente João Figueiredo desentendeu-se com uma repórter, chamando-a de “mal-educada e inconveniente” por ter perguntado como ele se sentia com a perda do amigo. Figueiredo disse que só não dava uma resposta “à altura” porque se tratava de uma mulher. A cena foi assistida por toda a família de Andreazza, atônita.

O ex-ministro do Exército, Walter Pires, cumprimentou a família e saiu discretamente. Presentes também os ex-ministros Delfim Neto, Armando Falcão, Ernane Galvêas, Danilo Venturini e Costa Cavalcanti, ao lado da filha do presidente Sarney, Roseana. O general Nilton Cerqueira, comandante da 9ª Brigada do Exército, chegou fardado, não falou com ninguém, cumprimentou a família e saiu, também discretamente.



O caixão, carregado por cinco ministros.

A chegada dos ministros da Nova República foi outro acontecimento: eles chegaram juntos e, imediatamente, Aureliano Chaves se prontificou a falar com os jornalistas, exaltando as qualidades de Andreazza. Depois foi a vez de Antônio Carlos Magalhães. Os outros três conseguiram fugir dos microfones e gravadores.

O Exército também prestou sua homenagem a Andreazza, militar da reserva: uma escolta do Batalhão de Guarda do Comando Militar do Leste foi enviada ao cemitério, além de um corneteiro para executar o toque de recolher junto ao túmulo.

Em Brasília, o ministro Costa Couto leu nota oficial do presidente Sarney: “Foi com grande comoção que recebi a notícia de sua morte”, diz a nota, que fala também da “estima e admiração” do presidente por Mário Andreazza.